



Nélia tem 17 anos e está no 8.º ano, agora com quatro e cinco na pauta. Quer tirar um curso de comércio ou de turismo

FOTOS: MIGUEL RUI LO

EDUCAÇÃO. AJUDARAM 21 MIL ALUNOS DESDE 2007

TROCAR AS NEGATIVAS PELOS CINCOS

Nélia e Flávia receberam apoio do programa da EPIS, Mediadores para o Sucesso Escolar, e as notas subiram. Em dois anos, o projecto evitou 100 reprovações. Por **Helena Viegas**

Seis negativas. Flávia Antunes estava a começar o 7º ano na Escola Miguel Torga, na Amadora, mas bastou-lhe olhar para a pauta das notas do primeiro período para antever o que iria acontecer em Junho: “Ia chumbar, já não valia a pena...” As matérias pareciam-lhe cada vez mais complexas e os problemas na turma não estavam a ajudar. “Alguns colegas diziam mal de mim, eu não conseguia não responder, não me concentrava. Não me sentia bem ali...”

Sinalizada como aluna em risco, Flávia integrou em Janeiro de 2015 o programa Mediadores para o Sucesso Escolar no 3º ciclo, dinamizado pela associação EPIS – Empresários Pela Inclusão Social, em parceria com o Ministério da Educação. Começou a encontrar-se semanalmente com Sílvia Casaca, professora de Educação Visual e Tecnológica que há 10 anos se tornou mediadora EPIS. Discutiam o que se passava com os colegas, Flávia aceitava os conselhos de Sílvia, chegou a escrever um “diário de pensamentos negativos” e, aos poucos, a auto-estima cresceu e a relação com a turma melhorou. Além disso, Flávia percebeu que precisava de estar “sozinha, sem confusão à volta” para se concentrar, o que com quatro irmãos implicava assertividade. “Estudava no quarto dos meus pais e passei a fechar a porta, a dizer-lhes que não podiam mesmo estar ali”, explica à **SÁBADO**. No final do ano, contra as suas próprias expectativas e apesar da negativa a Matemática, passou. Agora, com 14 anos, frequenta o 9º ano na Escola Secundária Seomara da Costa Primo, na Amadora.

O reforço das competências não cognitivas, as chamadas *soft skills*, para ajudar os jovens a estruturar o estudo, foi desde o início a aposta do Mediadores para o Sucesso Escolar – um programa iniciado em 2007 e que até hoje já apoiou mais de 21 mil alunos do terceiro ciclo, em 40 concelhos. Mas só na semana passada foram conhecidas as conclusões da investigação – Estudo de Avaliação dos Resultados do Programa Mediadores para o Sucesso Escolar – que se propôs me-

HOUE UM DECRÉSCIMO DE 14% NOS CHUMBOS, O QUE EQUIVALE A UMA POUPANÇA DE 500 MIL EUROS



Luísa Costa

“A forma como o aluno se sente e se vê a si próprio influencia o sucesso escolar. Muitos pensam ‘não sou capaz’ e é preciso alterar essa posição”, explica a mediadora

3.000 alunos

em risco, de 55 escolas de Lisboa, Setúbal e Açores, foram acompanhados no estudo de Pedro Martins

FLÁVIA ESCREVEU UM DIÁRIO DE PENSAMENTOS NEGATIVOS, E COM A MEDIADORA RECUPE-ROU A AUTO-ESTIMA

dir os resultados do projecto. Essa avaliação permitiu concluir que, em dois anos consecutivos, o sucesso escolar aumentou 10 a 20 por cento, o que significa que, em média, houve um decréscimo de 14 por cento nos chumbos. Durante esse período, o acompanhamento de 2.100 alunos de risco permitiu evitar 100 reprovações, o que considerando um custo anual médio de cinco mil euros por aluno do 3º ciclo, equivale a uma poupança de cerca de 500 mil euros.

O autor do estudo, Pedro Martins, especialista em educação da Queen Mary University of London, Nova SBE e IZA — Institute of Labor Economics, não tem dúvidas em afirmar que “o programa tem um impacto muito positivo no sucesso escolar”. O trabalho considerou a influência de diferentes variáveis, comparando os resultados dos alunos do EPIS com os de um grupo de controlo constituído por 650 jovens, igualmente em risco de insucesso. Essa análise revelou, além dos números referidos, outras conclusões, como, por exemplo, o efeito ter sido muito mais positivo junto das raparigas (ver caixa).

A idade e maturidade do aluno

Raparigas à frente

Elas estão mais receptivas à mudança, aponta o estudo

A investigação de Pedro Martins demonstra que as raparigas aderem melhor ao programa e que é positivo o mediador e o aluno serem **do mesmo sexo**. O sucesso dos mediadores é mais pronunciado no segundo ano (8.º ano) e os resultados são mais visíveis nas disciplinas de competências sociais, como o Português ou o Inglês.

ajudam a explicar o impacto benéfico, mas também há casos, como o de Nézia Antónia, em que a situação exige mais tempo e persistência. “O problema da Nézia era a assiduidade, era uma aluna que faltava muito e no primeiro ano já não fomos a tempo de recuperar”, afirma Luísa Costa, professora de Filosofia e mediadora EPIS desde 2013.

“Uma espécie de mãe”

Trabalhar a motivação, ajudar Nézia a encarar a escola como uma prioridade e encaixar os estudos

“ESTE ANO, VAMOS ALARGAR O PROGRAMA AO PRIMEIRO CICLO”, CONTA ANTÓNIO VITORINO, DA EPIS



Sílvia Casaca

“Para trabalhar métodos de estudo, podemos fazer pequenos grupos. Mas as sessões são por norma individuais, para garantir o sigilo”, diz a professora

5.º país

da Europa com maior taxa de abandono escolar é Portugal, com 14,4%. O insucesso escolar afecta 15% dos alunos do 3.º ciclo

“MUITAS VEZES, EM CASA, A ESCOLA É MUITO POUCO VALORIZADA. AS MIÚDAS TÊM MUITAS TAREFAS”, DIZ LUÍSA

num horário atribulado, que além de trabalhos domésticos incluía responsabilidades para com os sobrinhos, foi uma tarefa morosa. Luísa acabou por se tornar “uma espécie de mãe” e a escola “uma segunda casa”. “Não acreditava que fosse capaz, mas repeti o 7º ano e acabei por ficar sem negativas nenhuma”, conta à **SÁBADO** Nézia Antónia, que hoje, com 17 anos, frequenta na Escola Secundária Seomara da Costa Primo um Curso de Educação e Formação em Administração, uma opção de um currículo alternativo equivalente ao 8º ano, com notas de nível 4 (Bom) e 5 (Muito Bom).

“É gratificante ver o estado em que os alunos chegam e a evolução que conseguem. Eles acham que é impossível e percebem que é possível quando acontece”, observa Sílvia Casaca. Com formação em psicologia ou habilitados para o ensino, os mediadores recebem formação sobre o método EPIS para desempenhar o papel. Mas Sílvia e Luísa são unânimes em considerar que não existe uma fórmula única — “é preciso trabalhar o aluno a 360 graus”. “Ouvir sem julgar” é a máxima de partida. Depois, as estratégias são desenhadas caso a caso. “Muitas vezes, em casa, a escola é muito pouco valorizada. As miúdas têm muitas tarefas, irmãos para deixar na creche antes de vir para a escola e tomar conta depois, etc. A gravidez adolescente continua a ser um problema. Às vezes, é preciso também trabalhar com a família, sensibilizar os pais”, explica Luísa Costa.

Entre 2014 e 2016, foi feito um investimento total de cerca de três milhões de euros nos programas Mediadores para o Sucesso Escolar pelo Ministério da Educação, em parceria com a EPIS. A associação tem já a decorrer também um programa dirigido ao 2º ciclo e António Vitorino, presidente da EPIS, anuncia outra novidade: “Depois desta experiência, este ano vamos alargar o programa ao primeiro ciclo. A nossa prioridade é agir cada vez mais cedo.”



Flávia deixou para trás as negativas e passou. Tem 14 anos e quer ser professora ou secretária